

Brasília dos letrados

Cristine Gentil
Da equipe do **Correio**

Brasília não alcançou apenas a marca dos dois milhões de habitantes. A cada ano, quebram-se novos recordes. Desemprego, falta de moradia, explosão de matrículas na rede pública. Apesar disso, há pelo menos um número que continua sendo motivo de orgulho no Distrito Federal: o baixo índice de analfabetismo. A taxa é a menor do Brasil há pelo menos duas décadas.

Também é no Distrito Federal onde as pessoas passam mais tempo na escola. Enquanto a média no Brasil é de 5,4 anos, aqui é de 7,4 anos. A secretária de Educação, Eurides Brito, afirma que a intenção do governo é reduzir ainda mais o número de iletrados.

“O que nasce bem é difícil desmorrar. Vamos buscar os 6% de analfabetos que ainda existem entre nós para um amplo programa de alfabetização. Não nos contentamos ainda por termos a menor taxa de analfabetismo do Brasil”, disse a secretária.

O educador popular e economista Francisco Góes, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tem algumas explicações para os índices favoráveis do Distrito Federal. “Temos uma rede de profissionais qualificados, bem remunerados em comparação com o resto do país, com melhor assistência pedagógica. Além disso, aqui o acesso às salas de aula é mais fácil”, acredita o professor. Ele está desenvolvendo o Plano de Alfabetização 2000 — um programa de parcerias entre a UnB e o governo local que visa a formação de alfabetizadores e gestores de programas pedagógicos.

Na opinião dele, há ainda outro fator por trás do baixo índice de iletrados e do tempo recorde de estudo: a participação de entidades da sociedade civil, organizações não-governamentais e empresas privadas na educação dos trabalhadores. “As empresas e ONGs começam a assumir o trabalho de educação popular. Eles chegam onde a escola não chega. O trabalhador sai cedo de casa e volta tarde, não tem como voltar a estudar se não for no trabalho. Com isso, os empresários estão formando mão-de-obra, criando um mercado”, defende Francisco Góes.

RESGATE DAS LETRAS

A dona-de-casa Maria do Carmo Rodrigues, 47 anos, foi resgatada da ignorância total em relação a letras e números no dia 2 de janeiro, por um programa de iniciativa não-governamental. Começou o ano frequentando a sala de alfabetização da unidade do Sesi (Serviço Social da Indústria) de Sobradinho.

Hoje, já pode falar com orgulho da primeira vez que escreveu o nome do marido, Claiber. “O meu, eu tinha decorado. O dele era mais difícil. Agora já sei”, diz. Sabe também preen-

cher o cheque na hora de pagar as compras, fazer contas e começa a decifrar a escrita. Em breve, poderá tirar a carteira de motorista para dirigir o carrinho presenteado pelo marido.

Só agora, depois de ter dois filhos com curso superior, ela está dedicando parte do seu tempo para aprender a ler. “Quando era pequena morava na roça. Depois, casei e fui trabalhar para criar os filhos”, explica a mineira de Caratinga.

Maria do Carmo é uma das 16.200 pessoas que se matricularam entre 1996 e 1999 no programa de educação de jovens e adultos desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Sesi/Senai) no DF em parceria com o governo local. Esses trabalhadores da indústria e de outros segmentos receberam educação em nível de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio — os dois últimos por intermédio do sistema Telecurso 2000.

ATRÁS DA EDUCAÇÃO

Só em 1999, foram 4.204 matrículas, 1,7% a mais do que a meta traçada pela instituição. Para este ano, estão previstas 6.148 matrículas em todos os níveis de ensino, nas empresas ou nas quatro unidades do Sesi/Senai (Sobradinho, Taguatinga, Gama e Ceilândia). “Existe uma demanda cada vez maior por parte de empresas e de entidades da sociedade civil pela educação básica e profissionalização de seus funcionários”, explica a gerente de Educação do Sesi/Senai no Distrito Federal, Denise Couto Viana Cardoso.

“As novas tecnologias exigem que o trabalhador tenha a capacidade de entender como ele deve usá-la. O profissional moderno tem que saber pensar, ser (se relacionar com os outros) e fazer (usando as novas tecnologias)”, continua Denise.

Diretores de empresas privadas confirmam a tendência crescente de alfabetizar os empregados. “Há um reflexo direto na qualidade do trabalho”, defende Marcelo Carvalho, diretor da Paulo Octávio Investimentos. A empresa implantou um programa de alfabetização nos canteiros de obras em 1990, em parceria com o Ministério da Educação e com os sindicatos dos trabalhadores e da construção civil, depois que uma pesquisa constatou que 50% dos operários das empresas eram analfabetos. Desde então, dois mil operários foram alfabetizados.

O interesse não parte apenas das empresas. Na regional de Brasília do grupo Pão de Açúcar, 70 empregados concluíram ou estão concluindo o ensino fundamental e médio, por meio do Telecurso 2000, implantado pelo Sesi/DF a pedido da empresa. “O retorno no dia-a-dia é fantástico. E a demanda é cada vez maior. Para este ano, temos 120 inscrições” explica Waldir Ladário, diretor da regional Brasília do Pão de Açúcar.

André Corrêa 25.11.99



As crianças de Brasília ficam na escola bem mais tempo que as do restante do país: 5,4 anos é a média nacional e 7,4 anos a do Distrito Federal